

## Uma campanha

Emprende a revista "Humanidade" uma campanha no sentido de que seja arrebatado ao rigor da pena capital um português que, em Pretória, Transvaal, em momento de embriaguês e por uma fútil questão, cometeu um delito de assassinio. Aprovamos o sentido generoso da campanha, procurando libertar das garras duma lei deshumana um homem que, num momento cego de desvario, foi levado a cometer um acto de sangrentos e trágicos efeitos. Aprovamos, porque livrar dessa tragédia um homem só que seja, merece esforço e humana dedicação.

Sabido está que os crimes não diminuem pelo facto de inscrever-se em qualquer Código Penal tão cruenta lei e que é acrescentar a uma barbaridade, filha, por vezes ou sempre, de doentias manifestações psíquicas, uma outra barbaridade, premeditada, calma, fria. A campanha da revista

"Humanidade" tem encontrado eco no público. Oxalá êsse eco sirva para demonstrar quanto é contrário ao feitiço português o cruel rigor da pena última e leve a que não seja aprovada entre nós, como o espera Artur Inês no artigo "Não Matarás", que transcrevemos no número anterior, essa nódoa de qualquer código — nódoa que suja códigos de outras nacionalidades, mas que nem por isso deve sujar o nosso. Isto poderá ser um atributo verdadeiro duma autêntica glória!

## O patriotismo dos "cagoulards"

Quem conheça de perto o espírito magnífico do Eça terá sempre presente as vivas palavras, que num rir saudavel de ironia, o autor de *S. Cristovão*, sobre patriotismo, um dia ou sou dizer a Pinheiro Chagas.

Numa cortante e incisiva prédica de adorável bom senso, com a vivacidade e a

argúcia de quem, rindo, esmaga a fraqueza moral de argumentações baseadas em ócos passadismos, o escritor de tantas belas páginas da nossa literatura e que tão bem soube escarpelizar o provincianismo dos costumes do seu tempo, divide o patriotismo em engraçadas facetas — crêmos que quatro —, para realçar a atitude patriótica, realmente justa, progressiva e fecunda: a que encara o dia de hoje e se prepara para a grandeza de hoje.

Ora, vem isto a propósito dos "cagoulards", uma organização francesa que, defensora da ordem, preparava fermentos de desordem social e, quanto pôde, procurou o descrédito do estrangeiro para manifestações das mais impressionantes do vivíssimo espírito francês.

Com efeito, nas investigações realizadas verificou-se que os "cagoulards" haviam estabelecido fora da França organizações destinadas a desviar a torrente turística que se dirigia a Paris, no sentido de visitar essa surpreendente manifestação do engenho humano que se chama e chama a *Exposição das Artes e Técnicas*. Em Paris, os patrióticos "cagoulards" preparavam sabotagens dentro do próprio recinto da exposição, uma das quais chegou a esboçar-se.

Não será difícil ouvir o lírico cantar desses "cagoulards" sobre a sua pátria imortal; mas ao certo, se visse o Eça, lhe applicaria o sonante qualificativo: *patriotarrecos*.

## Uma bambochatazinha

Vós, leitores, que sois radiófilos, feliz ou infelizmente, ides dizer connôco que as emissões dos nossos postos citadinos são: o quê? Uma chuchadeira? Uma miséria? Uma bambochata? Uma ignóbil feira das vaidades nos espaços etéreos? Sim, tudo isso, uma bambochata, uma bambochatazinha. Ah, Deus nosso, sabeis bem que a nossa fúria não é a de ser molestos, a de ser impertinentes, a de ser enfadonhos! Não temos a obsessão do dizer mal, a tentação louca

das comadres: a má língua. Mas os postos emissores! A caridade transbordante dos lábios que escutamos, as *quêtes*, as excelencias, os *pedimos que ouçam*, os *agradecemos terem ouvido*, tudo isso, vós, radiófilos leitores, talvez o tenhais pensado, tudo isso é horrível! Os meninos de seis meses que oferecem discos, as crianças de dois anos que pedem a execução de um samba moderno, as senhoras que vêm ao telefónio e nós ouvimos oferecer as suas dádivas, a exibição muito torpe dos caritativos sentimentos, ah, que coisas tão feias essas dos postos emissores!

## Pearl S. Buck--autora do "China, velha China..."

Stefan Zweig é dos escritores da actualidade o mais traduzido, o mais rapidamente dado a conhecer aos espíritos das vastas regiões universais. E após ele vem o nome até agora pouco conhecido entre nós de Pearl S. Buck, uma mulhêr americana que, nascida na China, na China se sentia estrangeira e, vivendo depois nos Estados-Unidos, sua nacionalidade, nela se sentiu por vezes deslocada. A poderosa obra literária desta escritora corre mundo, num grandioso successo, porque ela soube colocar-se a dentro dos problemas do seu tempo e fez das suas obras pedras atiradas ao destino. Não esqueceu a trágica desventura duma civilização no meio da qual viveu os seus anos de criança e dela, numa aliciente realização artística, nos deu os traços vivos dos seus sofrimentos angustiosos. Pearl S. Buck, que com o seu "China, velha China...", provocou o filme *Terra Bendita*, interpretado por Luisa Rainer e Paulo Muni, dirige, na América, um vasto movimento de simpatia por essa ferida, humilhada, magoada China, perante cuja ingente tragédia, ou natural ou social, não se pode ficar indiferente. Assim, Pearl S. Buck, artista e mulhêr da sua época, engrandece a literatura posta ao serviço do humano, quando revela os seus tipos como Wang-Lung, e ainda alargando o campo das suas vistas, quando toma posição uum momento histórico.

(Continua na página dezasseis)

## elegia

por Lygia

Estou morta!

Estou morta para a luz do amor...

Para as vozes do amor...

Para o riso do amor...

Estou morta...

Há cinzas no meu corpo.

Cinzas de oiro...

Cinzas côr de violeta...

Cinzas brancas...

Cinzas que se levantam

Numa ascensão de pó!

Rodopio sonâmbulo

de paixões...

de sonhos,

de saudade...

Soluços... Trejeitos... Estertor...

Estou morta!

Estou morta para a luz do amor...

Para as vozes do amor...

Para os risos do amor...